

## A Guerra Russo-Ucraniana e os discursos sobre o imperialismo da nova desordem mundial

**João Adalberto Campato Jr.**

Universidade Brasil (UB), Brasil  
orcid.org/0000-0002-9026-5007

Em 2022, assiste-se à invasão russa à Ucrânia, instaurando um conflito de proporções inéditas desde a segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945). O presidente russo Vladimir Putin justificou a ação como medida contra o avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em direção ao leste europeu, ato considerado como manifestação do imperialismo ocidental. A OTAN interpretou a posição russa como, igualmente, imperialista e expansionista. No contexto de numerosos discursos discordantes oferecendo sentidos à guerra, pretende-se neste artigo examinar como um dos discursos da esquerda – especificamente o do editorial do jornal eletrônico Esquerda Online – busca empenhar-se em persuadir o leitor do aspecto nocivo dos imperialismos da OTAN e da Rússia, ao mesmo tempo em que reforça uma posição de esquerda anti-imperialista e democrática nesta nova ordem ou desordem mundial. Para atingir tais objetivos, a retórica, a teoria da argumentação e a análise argumentativa do discurso são empregados como quadro teórico-conceitual.

**Palavras-chave:** Retórica. Teoria da argumentação. Análise do discurso. Guerra Russo-Ucraniana.

### La guerra ruso-ucraniana y los discursos sobre el imperialismo del nuevo desorden mundial

En 2022 asistimos a la invasión rusa de Ucrania, instaurando un conflicto de proporciones sin precedentes desde la Segunda Guerra Mundial. El presidente ruso justificó la acción como medida contra el avance de la Organización del Tratado del Atlántico Norte (OTAN) hacia Europa del Este, acto considerado como manifestación del imperialismo occidental. La OTAN interpretó la posición rusa como imperialista y expansionista. En el contexto de numerosos discursos discordantes que ofrecen sentidos a la guerra, este artículo se propone examinar cómo uno de los discursos de la izquierda – específicamente el del editorial del diario Esquerda Online – busca persuadir al lector del aspecto nocivo de los imperialismos de la OTAN y de Rusia, al tiempo que refuerzan una posición de izquierda antiimperialista y democrática en este nuevo orden o desorden mundial. Se utiliza como marco teórico-conceptual la retórica, la teoría de la argumentación y el análisis argumentativo del discurso.

**Palabras clave:** Retórica. Teoría de la Argumentación. Análisis del habla. Guerra Ruso-Ucraniana.

### The Russo-Ukrainian War and the Discourses on the Imperialism of the New World Disorder

In 2022, we witness the Russian invasion of Ukraine, establishing a conflict of unprecedented proportions since the Second World War (1939-1945). Russian President Vladimir Putin justified the action as a measure against the advance of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) towards Eastern Europe, an act considered as a manifestation of Western imperialism. NATO interpreted the Russian position as both imperialist and expansionist. In the context of numerous discordant discourses offering meanings to war, this article intends to examine how one of the discourses of the left – specifically that of the editorial of the electronic newspaper Esquerda Online – seeks to strive to persuade the reader of the harmful aspect of NATO and Russian imperialisms, while reinforcing an anti-imperialist and democratic leftist position in this new world order or disorder. To achieve these goals, rhetoric, argumentation theory and argumentative discourse analysis are used as a theoretical-conceptual framework.

**Keywords:** Rhetoric. Theory of Argumentation. Speech analysis. Russo-Ukrainian War.



## Introdução

Assiste-se em pleno ano de 2022 à invasão russa ao território da Ucrânia, deflagrando um conflito bélico de proporções não vistas desde o final da segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945). Ambos os países vinham mantendo certa animosidade desde 2014, ocasião da anexação pela Rússia da Crimeia, uma península situada em espaço ucraniano<sup>1</sup>.

O clímax da animosidade ocorreu, todavia, em fevereiro de 2022, quando a Rússia, no encalço do insucesso diplomático, invadiu militarmente a Ucrânia e reconheceu a independência das repúblicas de Donetsk e Luhansk, na região ucraniana de Donbass.

Como parte da justificativa para a ação bélica, o governo do presidente russo Vladimir Putin afirmou que se tratava de proteger os russos étnicos das províncias citadas de um genocídio. Além disso, buscava-se deter o avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em direção ao leste europeu, sobretudo porque a Ucrânia já havia manifestado expressamente interesse em fazer parte do Tratado. A expansão da OTAN ao leste da Europa era vista pelos russos como fruto do desejo imperialista ocidental, que projetava, ao fim e ao cabo, cercar o território russo.

Para além de constituir o estopim de uma guerra militar, os eventos suscitaram agudas movimentações no campo ideológico. Posicionamentos inflamados sobre a gênese histórica e o desenvolvimento do conflito foram ouvidos de jornalistas, de especialistas em assuntos de guerra, de historiadores, de políticos de todas as filiações e de cidadãos comuns.

As interpretações surgidas sobre a guerra – e, portanto, o universo discursivo aí engendrado – para explicar ou legitimar o que acontecia, atribuindo-lhe sentidos alternaram ideologicamente entre o imperialismo da OTAN e o imperialismo russo.

O primeiro imperialismo traduzia os interesses dos Estados Unidos e dos países europeus da OTAN. O outro imperialismo era o dos russos, apoiado pela China. Em alguns casos, tais ações revestiam-se de conotações de ordem civilizatória mais ou menos positivas, de modo que não era raro ouvir que a luta colocava lado a lado ocidentais e orientais com todo o simbolismo e preconceito que semelhante oposição envolvia, como, por exemplo, o Ocidente representando a norma e o Oriente, o desvio da norma.

---

<sup>1</sup> Para informações preliminares sobre a gênese e o desenvolvimento das animosidades entre Rússia e Ucrânia, ler as sucintas análises de Marília Gabriela Costa (2022) e de René Dellagnezze (2022).

A presença direta da Rússia no conflito acarretou uma fixação mórbida sobre a guerra, na medida em que se tratava da maior potência nuclear do mundo. Em paralelo a isso, o fato de ter sido ela a principal unidade da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ícone da esquerda mundial entre 1922 e 1991, lançou mais atenção ao conflito – e também acionou certa memória discursiva sobre os fatos –, principalmente tendo em vista que o país se comporta atualmente como uma nação capitalista com laivos de imperialismos e cujo governo é apoiado por oligarcas.

Nesse cenário, torna-se natural que vozes discordantes entre si viessem à tona para, circulando socialmente, explicar, esclarecer e legitimar o que ocorre na atual ordem mundial e especificamente com o ex-comunismo russo, na tentativa de redefinir a esquerda, dando-lhe sentidos e pensando-lhe o papel político.

Dentre as vozes possíveis – verdadeiro embate de discursos – que tratam do confronto russo-ucraniano, escolheu-se para análise o editorial do dia 24 de fevereiro de 2022 do jornal eletrônico *Esquerda Online* e que tem por título “Não à guerra! Fora OTAN e Rússia da Ucrânia”<sup>2</sup>. Trata-se de uma mídia independente de esquerda, criada em 2016 e autodefinida como “Portal de notícias voltado para as lutas sociais, com notícias diárias, coberturas, colunas, transmissões ao vivo, vídeos, cursos e muito mais”.

As informações a respeito do jornal são relevantes, pois não resta dúvida de que qualquer texto divulgado nesse portal de notícia receberá toda a vinculação esquerdista e crítica de seu *ethos* enquadrante (MAINGUENEAU, 2020), sendo por ele afetado seja para o bem ou para o mal.

Pretende-se, enfim, neste artigo, examinar o editorial “Não à guerra! Fora OTAN e Rússia da Ucrânia”, trazendo à luz suas estratégias e seus mecanismos retóricos, tanto linguísticos quanto discursivos. Isso porque o editorial se empenha em persuadir o leitor do aspecto nocivo dos imperialismos da OTAN e da Rússia na Ucrânia.

Ademais, objetiva-se averiguar o discurso de esquerda do editorial do jornal *Esquerda Online*. Busca-se verificar como ele posiciona a ideologia de esquerda em relação à nova ordem ou desordem mundial e à ascensão militar da Rússia (núcleo da antiga URSS), considerada por muitos como uma nova forma de imperialismo.

Tais investigações serão realizadas com a sustentação teórica e metodológica de pressupostos da retórica, especialmente da aristotélica (a chamada retórica antiga), da teoria da argumentação de linhagem perelmaniana (distanciada das

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2022/02/24/nao-a-guerra-fora-OTAN-e-russia-da-ucrania/>

operações da lógica formal, cartesiana e promovendo o raciocínio dialético) e da análise argumentativa do discurso tal como proposta por Amosy (2018). Por tal motivo, um apanhado geral desse marco teórico encontra-se no item seguinte.

## 1 Retórica, análise argumentativa do discurso e teoria da argumentação

Como conjunto de técnicas conscientemente utilizadas, a retórica remonta ao século V a.C, tendo como berço a Sicília, no tempo da queda da ditadura de Siracusa (465 a.C) e da conseqüente restauração da democracia. Nesse período, os bens e as propriedades tomados pela tirania foram reclamados pelos antigos proprietários perante júris.

Inexistindo advogados à época, era necessário garantir aos litigantes condições de defender suas demandas. Nesse contexto, Córax (século V a.C.) e Tísias (século V a.C.) divulgavam preceitos para atingir a persuasão. Da Sicília, a retórica chega a Atenas, tomando corpo com a ação dos sofistas. Da retórica grega o grande mestre é Aristóteles (384-322 a.C), que consolida a disciplina com a *Arte Retórica*, influenciando os tratados posteriores sobre a matéria.

Modernamente, quando se menciona a retórica, não se refere a algo uno, mas a um conhecimento designado por cinco termos a depender do aspecto acentuado: a Retórica Antiga, a Retórica Clássica, a Retórica das Figuras, a Retórica Nova e a Retórica Semiótica (TRINGALI, 2014). A Retórica Antiga constitui matriz da qual se originam as outras quatro, que são, *grosso modo*, desenvolvimentos de algumas de suas partes.

A Retórica Antiga aborda todas as etapas da elaboração do discurso: invenção, disposição, elocução, memória e ação. A invenção é o momento em que o orador se preocupa com o conteúdo do discurso. A disposição é o ordenamento do conteúdo; já a elocução reporta-se a sua expressão linguística. A memória consiste em decorar o texto, e, finalmente, a ação é o estágio em que o discurso é pronunciado. No cerne da Retórica Antiga, situam-se as questões verossímeis ou dialéticas, entendidas como temas discutíveis admitindo posições contrárias, contraditórias, que não são necessariamente verdadeiras, mas aceitáveis e defensáveis.

A Retórica Antiga encontra sua finalidade na persuasão, cujo conceito envolve o convencer, o comover e o agradar. Convencer está relacionado à persuasão lógica, endereçada à mente; comover relaciona-se a uma persuasão afetiva, atuando no “coração” dos indivíduos. Já agradar diz respeito a uma persuasão estética, em que se satisfaz o gosto.

A Retórica Clássica – florescida no classicismo da Renascença - restringe a Retórica Antiga aos limites da elocução. A persuasão, que, na Retórica Antiga, é primordial, reveste-se, na Clássica, apenas de “um objetivo secundário e eventual” (TRINGALI, 1988, p. 105), pois o que interessa para essa retórica é escrever e falar bem.

A retórica das figuras confina a Retórica Clássica às figuras. Reside em tal redução o sentido pejorativo apossado da retórica, a qual se foi distanciando da função utilitária em proveito da meramente estética. Para tal retórica, importa pouco o teor convincente do discurso, que deve ser belo. Quando se caracteriza negativamente o discurso de alguém como retórico, dá-se a entender que se trata de uma manifestação verbal, que, embora bem trabalhada formalmente, é vazia de ideias.

Com o advento da Retórica Nova, o interesse da persuasão migra para a invenção. A Retórica Nova está desenvolvida no *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica* (1996)<sup>3</sup>, de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, que esquadriharam uma plêiade de argumentos com os quais se obtém a persuasão em amplos domínios das humanidades. A partir do *Tratado da Argumentação*, os estudos de retórica ganharam alento, renovando as pesquisas em retórica e teoria da argumentação.

Das articulações entre retórica e semiótica resulta o que Tringali (1988) chama de Retórica Semiótica. Num intercâmbio de mútuas influências, ocorrem uma semiotização da retórica e uma retorização da semiótica. Assim delineada, a retórica e seus pressupostos lançam os tentáculos em direção a um variado campo de códigos, que passam a atuar visando à persuasão.

Já a análise argumentativa do discurso – que se vale de estratégias da análise do discurso e da teoria da argumentação - emprega em sua prática exegética os seguintes posicionamentos analíticos (AMOSSY, 2018):

- 1) Abordagem linguageira: a argumentação, além de ser moldada por operações lógicas e processos mentais, ancora-se nos instrumentos que a linguagem oferece no terreno do léxico, da enunciação, dos conectores, etc. Assim, interessa-se pela escolha vocabular, pelos mecanismos de enunciação, pelos implícitos, entre outras estratégias da linguagem.
- 2) Abordagem comunicacional: a argumentação apenas opera plenamente, adquirindo sentido e funcionalidade, se entendida num quadro de comunicação, visando a um auditório. A argumentação integra um projeto

---

<sup>3</sup> A primeira edição do *Tratado da Argumentação* data de 1958. Original em francês.

quase sempre voluntário e planejado de um emissor, que endereça o texto ao público a ser persuadido, cuja imagem modela tal texto na origem.

- 3) Abordagem dialógica: a argumentação atua em espaço saturado de outros discursos, reagindo ao que foi dito antes dela e posicionando-se num debate particular, em meio a interdiscursos. Tendo em linha de conta que discursos são sempre sobre outros discursos, então, todo discurso é, em certa escala, argumentativo, retórico.
- 4) Uma abordagem genérica: a argumentação ocorre por meio de gêneros textuais, do que depende a maior ou menor efetividade dos propósitos da argumentação de acordo com as esferas sociais nas quais pretende atuar. Todo gênero textual pode revestir-se de caráter argumentativo, possuindo alguns deles já tradicionalmente um papel persuasivo como o editorial de jornal, o sermão religioso, o discurso jurídico, os textos de publicidade e propaganda, as campanhas políticas, entre outros exemplos possíveis.
- 5) Uma abordagem figural: no cenário argumentativo, as figuras de linguagem e demais recursos de estilo forjam sentidos válidos na medida em que - ultrapassando o puro efeito estético - persuadem o auditório. Não é exagero mencionar que alguns textos veiculam projetos figurais, que, mediante combinações de linguagem figurada, compõem cerradas isotopias persuasivas.
- 6) Uma abordagem textual: a análise argumentativa do discurso elege o texto como parâmetro de exame, vendo nele um todo que comunica com sentido. Todos os elementos verbais só revelam potencialidade semântica numa investigação à medida fazem parte de um texto.

Por já ter sido mencionada quando se tratou da retórica e da análise argumentativa do discurso, apenas serão expendidas breves considerações sobre a teoria da argumentação, que, desde algum tempo, tornou-se um campo teórico, além de muito relevante para as humanidades, também vasto e heterogêneo. A teoria da argumentação observada aqui é a elaborada por Chaïm Perelman (1912-1984) e externada, principalmente, no *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*, escrita e publicada em coautoria com Lucie Olbrechts-Tyteca em 1958.

Pelo juízo da Nova Retórica, argumentar consiste em aumentar a adesão do auditório às teses que orador lhe apresenta. Fundamentalmente, por meio do *Tratado*, Chaïm Perelman buscou vincular a argumentação à retórica e à dialética, ao mesmo tempo em que propõe sua ruptura com um modelo de razão e de raciocínios cartesianos e cientificistas, vigentes há séculos no seio do pensamento ocidental.

O que Perelman teve o condão de realizar foi apontar para o fato de que há outros elementos além daqueles evidentemente cartesianos que podem sustentar uma argumentação com eficácia. É o caso do plausível, do provável, de hierarquias e de valores diversos, enfim, do verossímil, numa evidente retomada da retórica de Aristóteles.

Há, com efeito, na argumentação, um extenso campo para o exercício da opinião, para o emprego do verossímil, para as afetividades, para os valores e presunções, para as paixões; para as idiossincrasias, elementos com os quais se persuade sem se valer obrigatoriamente da lógica formal ou mesmo do entendimento racional.

Nesse contexto, uma das contribuições mais decisivas de Chaïm Perelman foi seu olhar renovado aos lugares retóricos e às técnicas argumentativas, objeto de uma reestruturação funcional com cujo auxílio se passou a entender e a descrever melhor as argumentações dos tempos atuais. A partir da divulgação da obra de Perelman, tornaram-se termos comuns lugar da quantidade, lugar da qualidade, a dissociação de noções, argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real, entre muitos outros.

## **2 O modelo retórico de análise textual**

Para abordar criticamente o editorial fazendo justiça ao marco teórico acima apresentado, entendeu-se adequado utilizar o modelo retórico de análise elaborado por Dante Tringali (1988) e inspirado na Retórica Antiga.

Se bem que destinado, originalmente, ao exame de textos literários, nada impede que seja manuseado para outros textos, como os jornalísticos. Empregá-lo, em geral, no exame de um texto revela o que a composição possui de persuasiva e o que isso implica necessariamente em termos semânticos e ideológicos.

Note-se que o esquema retórico de análise se compõe de considerável número de etapas; todavia, é bom aclarar que dele se fará uso parcial, suficiente para descrever as potencialidades persuasivas do editorial em sua situação de enunciação. Especificando, os tópicos do modelo escolhidos para a presente análise são o orador, o tema, a questão, o auditório, o gênero do discurso, a invenção, a disposição e invenção, que seguem adiante em sumária explicação.

## 2.1 Orador, o tema e questão

Nesta etapa da análise, examina-se o emissor/enunciador do discurso retórico sobretudo quanto à boa manipulação das provas éticas. Em seguida, estuda-se o tema ou assunto central do texto. A análise retórica também se preocupa em avaliar a questão, isto é, o aspecto polêmico discutido sobre o assunto. Trata-se do momento de examinar os pontos de vista contrários levantados pelo tema já problematizado.

Para finalizar este momento da análise retórica, o estudioso deve partir para o exame da proposição que o orador pretende provar pelo discurso. Por meio da exposição da tese, o orador informa ao auditório sua opinião sobre a questão discutida.

## 2.2 Auditório

Estuda-se, nesta fase, o auditório do discurso e de que maneira o orador se alinha a seu perfil. Isso porque o auditório determina “a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 27), que devem ter sempre em mente o retrato psicológico e sociológico do público a ser convencido. Em termos práticos, é útil levar em conta do auditório a idade, a classe social e cultural, a extensão, o nível de instrução, o interesse pelo assunto debatido, os preconceitos, as crenças, os valores etc. Conhecendo semelhantes variáveis, o orador moldará o discurso em função do auditório particular, aumentando as chances de êxito.

## 2.3 Invenção

Na invenção, pesquisam-se os argumentos que o orador reuniu a fim de provar a tese. Examinam-se, sobretudo, as provas lógicas e psicológicas.

As provas ou argumentos lógicos produzem convicção intelectual, convertida em impulso que leva à ação. As provas psicológicas fomentam comoção psíquica no público, que aceita mais facilmente a proposição do orador. Os argumentos de cunho psicológico são de duas linhas: os éticos e os patéticos.

Os argumentos ou provas éticas assentam-se na impressão favorável que o orador transmite de si. Obtém-se a persuasão pelo caráter moral quando o discurso deixa a impressão de o orador ser digno de confiança. Persuadir os ouvintes mediante as paixões, eis o escopo dos argumentos patéticos. As paixões operam no auditório, porque, como quer Aristóteles (1964, p. 100), elas “são as causas que introduzem



mudanças em nossos juízos”, que variam se experimentamos um sentimento agudo, como a alegria ou o ódio.

Ainda no campo da invenção, recobre-se de importância o exame dos lugares, isto é, das categorias formais de argumentos. A lista de lugares é vasta, incluindo os do gênero, da espécie, da definição, da divisão, da etimologia, da causalidade, do efeito, da enumeração, do contrário, das circunstâncias, da quantidade, da qualidade, entre outros.

## 2.4 Disposição

Na análise da disposição, realiza-se um comentário sobre a ordenação das partes do discurso retórico (exórdio, proposição, partição, narração, argumentação e peroração) e como tal ordenamento contribui para os efeitos argumentativos. O exórdio é o começo do discurso, fornecendo a indicação do assunto a ser tratado. Sua finalidade consiste em influir na disposição do auditório, estabelecendo as condições prévias para a argumentação.

Indicando a posição do orador com respeito à questão do debate, encontra-se a proposição. Se seu conteúdo vier por partes, configura-se a partição. Em seguimento à partição, surge a narração, exposição dos fatos sintetizado na proposição. A parte nuclear do discurso é a argumentação, ponto em que o orador concentra suas provas (confirmação) e rebate as provas do partido contrário (refutação).

A conclusão do discurso retórico é a peroração, cuja tarefa é recapitular o que se disse e excitar o *pathos*. Recapitular para fixar os pontos nevrálgicos do discurso; excitar o *pathos* porque se trata da última oportunidade do orador para dispor o auditório à sua causa e indispor-lo à causa do adversário

## 2.5 Elocução

Neste momento do exame, o texto é direcionado à análise estilística e gramatical, nunca perdendo de vista o objetivo persuasivo. Nos manuais de retórica, deparam-se conselhos estilísticos para a composição do discurso, comentários sobre os vícios e virtudes da linguagem, um elenco de figuras retóricas e reflexões acerca das espécies de estilo e de sua adequação à matéria tratada pelo orador.

### 3 Análise retórica do editorial

Conhecidas teoricamente determinadas etapas do modelo retórico de análise textual, passa-se a ilustrá-lo concretamente por meio da averiguação do editorial de *Esquerda Online*. Decidiu-se que o conteúdo desta análise não virá compartimentado em rótulos nomeando as etapas do exame, mas, antes, num arrazoado de fluxo contínuo. Desnecessário frisar que o modelo se ajusta ao texto e não o contrário.

Isso posto, passe-se à análise:

A manifestação do orador/editorialista de *Esquerda Online* encaixa-se como retórica pois a comunicação intenta persuadir aquele a quem o discurso é endereçado, seja abertamente ou não. Pela persuasão, programa-se amplificar no auditório a crença nas teses expostas para adesão, atuando sempre no campo do dialético e da negociação.

No procedimento da argumentação, o orador elabora de si uma imagem para o auditório - o *ethos* -, a qual varia de acordo com seu projeto de convencimento. Na origem, o *ethos* liga-se à dimensão verbal, isto é, o orador cria uma representação de si pelo discurso. Posteriormente, os estudos da linguagem passaram a se valer, também, da noção de *ethos* pré-discursivo ou prévio, relativa à imagem do orador antes de o discurso ser proferido (AMOSSY, 2018).

Quando se analisa o discurso, toma-se, de preferência, em consideração o *ethos* efetivo (MAINGUENEAU, 2020), advindo da articulação significativa entre o *ethos* prévio e *ethos* discursivo.

Especificamente, quanto ao auditório, a recepção discursiva sempre esteve no centro das especulações da retórica e da teoria da argumentação. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), não é obrigatório que o auditório real coincida com a pessoa diante do orador, já que alguém que concede uma entrevista a um jornalista considera seu auditório mais os possíveis leitores do jornal do que o interlocutor que lhe está à frente. Por tal motivo, os estudiosos configuram o auditório como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar por sua argumentação” (1996, p. 22).

No juízo de Amossy (2018, p.52), o auditório é “a instância à qual um discurso é endereçado explícita ou implicitamente”. Seja como for, para se realizar plenamente, o fato é que qualquer enunciado requer um auditório, que, genericamente, se define como “aqueles a quem é dirigido o discurso do orador” (GRÁCIO, 2013).

O texto do editorial, embora possa ser visto como endereçado a um público amplo e heterogêneo, ou seja, a qualquer pessoa disposta a lê-lo, visa a um auditório

mais homogêneo, específico e especializado, auditório ideal a cujas peculiaridades etárias, sociais, culturais e econômicas o orador deseja adequar suas estratégias persuasivas.

Trata-se – ao que tudo indica – de auditório constituído por leitores que compartilham o credo da esquerda mundial ou por pessoas da classe trabalhadora. Essa preferência em termos de destinatários – típica de publicações altamente segmentadas – deixa-se encontrar na própria materialidade do editorial (2022) e no seu intuito de fazer denúncias e ministrar conselhos.

Tanto a OTAN (EUA, GB e EU) quanto a Rússia (e China) disputam pelo potencial de explorar outros países, outros povos. Os socialistas denunciam essa guerra como uma disputa entre as burguesias desses países no tabuleiro geopolítico regional e sobre quem vai explorar os recursos e oprimir trabalhadores e nacionalidades ao redor do mundo, às custas das vidas de milhares de trabalhadores que sempre são as maiores vítimas desses conflitos.

Neste conflito, a esquerda deve evitar dois erros. O primeiro erro seria absolutizar o papel opressor de Putin, e o fato de ter iniciado a agressão militar propriamente dita, colocando-se ao lado da OTAN e potências ocidentais, como se esses estivessem ao lado da autodeterminação e liberdade do povo ucraniano. Um exemplo é a postura do novo líder do Partido Trabalhista britânico, Keir Starmer, que chegou a visitar a sede da OTAN em Bruxelas para demonstrar apoio a tal empreitada imperialista.

[...]

O segundo, e que parte da esquerda parece mais suscetível, é o de encarar Putin (ou o bloco China/Rússia) como um campo anti-imperialista, portanto progressivo, nesse processo. A isso se mistura a simbologia de ambos os países terem sido, no século passado, estados operários – e atualmente se colocarem em choque contra o imperialismo hegemônico no mundo (mesmo que decadente), os EUA.

Tendo em vista que a maioria do público a quem é endereçado o editorial tem elevada chance de compartilhar da mesma visão de mundo e dos valores do editorialista-orador, dirigir-se a tal público é mais cômodo no que tange à tarefa persuasiva. Isso porque o orador defenderá, nesse particular circuito de comunicação, uma tese que goza de altas credibilidade e aceitabilidade prévias, para a qual não haverá necessidade de criar condições favoráveis de argumentação, como, por exemplo, a presença de um exórdio tradicional, que capte a atenção, a docilidade e a benevolência do auditório. Há um sentimento preliminar de pertencimento unindo orador e auditório com a causa da esquerda, garantindo um acordo prévio satisfatório.

Especialmente em relação à plurissignificação do termo “discurso”, o vocábulo será aqui usado em dois sentidos principais: enunciado e, sobretudo, voz social.

Como enunciado, é sinônimo de texto; como voz social, abarca um processo social, ideológico e histórico - não estritamente linguístico - que esculpe e dá forma a certas visões de mundo promovidas por ideologias e determinadas condições de produção. Embora não sendo a língua, a linguagem e o texto em si, o discurso deles se vale para ter existência material (VIEIRA; FARACO, 2019; FERNANDES; SÁ, 2021).

De uma mesma unidade de assunto derivam divergentes discursos; é o caso, por exemplo, dos discursos refletindo diferentes posições ideológicas e políticas no tocante à guerra entre Rússia e Ucrânia agravada em 2022, sobre a qual existem tantos discursos quantos são os pensamentos e as ideologias sobre ele. O assunto em tela encontra-se, portanto, no campo do opinativo, do provável, do verossímil, não sendo um exercício que se resolva com o concurso da lógica formal.

Há o discurso que elucida o embate bélico como mais uma manifestação do imperialismo norte-americano, que, desde o final da Guerra Fria (1947-1991), tenta afirmar-se como a única potência militar do planeta. Nessa situação, a OTAN agiria segundo os designios americanos de enfraquecer a Rússia e a China.

Vizinho dessa posição, encontra-se o discurso de que a guerra decorre de investida do Ocidente contra o Oriente, numa requentada tentativa de reeditar o clima colonizador-imperialista, baseado no maniqueísmo “nós X os outros” e na suposta missão civilizadora ocidental, a quem caberia, por assim dizer, a necessária e urgente tarefa de civilizar os bárbaros.

Discursos existem, por outro lado, que situam o foco da conflagração não nos EUA e no Ocidente, mas no presidente russo Vladimir Putin, que, imperialista inamovível, planejará o retorno ao cenário geopolítico internacional do passado glorioso russo, seja aquele do tempo dos czares, seja o da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Mediante a profusão de posicionamentos sobre a guerra e decorrente de seu lugar socioideológico, o orador-editorialista do jornal *Esquerda Online* está sob a influência do discurso segundo o qual os combates bélicos em curso na Europa traduzem o imperialismo tanto da parte da OTAN/EUA quanto da Rússia/China. Trata-se de um discurso que denuncia o imperialismo onipresente e que, mais ainda, figura os trabalhadores como classe popular sempre em estado de opressão. Propõe-se uma interpretação da história como contínua luta de classes, envolvendo opressores e oprimidos, capitalistas e povo, trabalhadores e burgueses, nobres e plebeus.

Nesse quadro, a liberdade e a autodeterminação de determinados povos correm risco. O cenário revela-se ainda mais perigoso quando as posições de

oprimido e opressor se tornam arditosamente nebulosas, cedendo espaço às mistificações e aos equívocos de toda ordem a serviço do imperialismo do capital.

Por meio da tradição retórica do gênero textual editorial, o orador propagará valores e crenças com vistas a legitimar sua visão de mundo, na expectativa militante de amear a aprovação dos que compartilham da sua opinião, bem como ganhar a simpatia daqueles que lhe fazem oposição, seja com que intensidade for.

Em semelhante situação de potencial debate, a linguagem verbal opera como linguagem em uso, zona de interação social, visando a alterar um estado de coisas. Ela não se limita a representar um conteúdo mental e o mundo, tampouco se reduz a ser mera ferramenta de comunicação mecânica. Seu escopo principal mostra-se bem distinto: trata-se de agir no outro, influenciando em suas vontades, pensamentos e ação (CAMPATO Jr., 2015).

O Início do editorial incorpora um teor patético (provas patéticas), qual seja: “o mundo acorda mais uma vez com notícias de guerra”. A expressão “o mundo acorda” concretiza uma prosopopeia, propondo uma medida exata e solene da situação dramática em termos mundiais. Cumpre especificar que o drama não é novidade, faz parte de um elo de uma cadeia que não funciona há tempos, pois a locução “mais uma vez” revela que eventos dessa natureza são frequentes. O patético confere o tom de todo o parágrafo, conforme se pode observar:

E com sua consequência imediata: imagens de desespero dos trabalhadores e da população ucraniana procurando abrigo e refúgio de mais essa guerra movida por disputas imperialistas. Como de praxe, a população ucraniana será chamada a pagar o preço dessa guerra antipopular. Milhares de mortos, vidas destruídas, ondas de refugiados em condições sub-humanas – isso é o que essas guerras imperialistas têm a oferecer aos trabalhadores e povos do planeta. Em nossos tempos é o que o sistema capitalista oferece aos povos de todo planeta, guerra, desemprego e miséria.

O editorialista-orador serve-se de uma descrição em tons fortes das consequências humanas da guerra, se bem que empregando lugares-comuns: trabalhadores desesperados na busca de abrigo, grande quantidade de mortos e de refugiados, desemprego, miséria, tudo concorrendo para colocar as pessoas em situação sub-humanas.

Há uma persuasão patética que fomenta ou reforça nos leitores do editorial o sentimento de pena em relação aos ucranianos/trabalhadores e de horror em relação aos russos/imperialistas/capitalistas, de tal modo que, afetivamente, aproximam-se dos primeiros e diferenciam-se dos segundos num processo de negociação das diferenças, que Meyer (2007) julga ser o cerne mesmo da retórica.

Adotando postura mais racional, o orador tentar retratar, descendo aos detalhes, as razões e as motivações da guerra:

A disputa na Ucrânia, envolvendo a OTAN e a Rússia, não é um conflito isolado. Ela reflete a crise geopolítica da atualidade, entre o imperialismo norte-americano (e seus sócios: os imperialismos britânico e europeu) e um bloco imperialista emergente, liderado pela China, e tendo a Rússia como potência regional associada. É uma disputa entre potências (EUA x China) pela hegemonia da ordem capitalista mundial. Nenhum dos lados representa liberdade ou autodeterminação para os trabalhadores ou povos de qualquer parte do planeta – e muito menos “anti-imperialismo”.

Apoiado em aparente conhecimento de geopolítica internacional, o orador explica ao auditório os meandros do combate, o que, no final das contas, confere-lhe a imagem de especialista no assunto, fortalecendo seu *ethos* discursivo. Como não se sabe quem é o editorialista, o *ethos* prévio praticamente não atua no caso em exame.

Em postura didática, à beira do professoral, o orador estabelece uma equação pela qual a crise a que se assiste é explicada como decorrente de dois imperialismos: o norte-americano e o russo.

O imperialismo americano encontra-se apoiado, por sua vez, em dois outros: o imperialismo europeu e o britânico. Já o imperialismo russo conta com o apoio da China. O orador, para ressaltar que os imperialismos são capitalistas, emprega a palavra “sócio” no lugar, por exemplo, de aliados, criando um efeito de sentido expressivo e crítico do modo de produção capitalista. Sugere-se que até disputas bélicas podem ser mais bem compreendidas como empreendimentos econômicos superando qualquer prurido patriótico ou heroísmo desinteressado.

Nessa conjuntura geral, veicula-se o posicionamento de que a guerra nada mais é do que uma disputa entre as potências tradicionais ou emergentes para possuir a hegemonia capitalista do mundo. A OTAN atua segundo os desejos imperialistas ocidentais, avançando em direção ao leste europeu.

O orador – permanecendo com sua retórica de base racional – manifesta claramente que aos dois imperialismos não importam questões de liberdade, bem como não importam os trabalhadores. Emerge, pois, o discurso moldando a realidade dos trabalhadores e das classes operárias, abandonados que estão a sua própria sorte e dominados pelos capitalistas ricos e cada vez mais influentes. Trata-se de um discurso sinalizando para o império histórico do capital e de seus rearranjos para manter-se no poder, subjugando os trabalhadores.

O orador – perfilhando um pronome pessoal “nós” para englobar os partidários da esquerda e talvez até de outras ideologias políticas – apresenta sua tese ou

proposição: “Defendemos o fim da OTAN e sua interferência imperialista sobre a soberania dos povos”. Ao mesmo tempo, antecipando uma refutação e reforçando que, a bem do rigor, EUA/OTAN e Rússia são a mesma realidade, o orador indica a seguintes ressalva:

Isso, porém, não significa que a invasão russa cumpra qualquer papel progressivo nesse processo. A Rússia é um país capitalista – sob um governo autoritário, de direita – que exerce forte (e opressiva) influência regional, especialmente nas regiões que eram parte ou influenciadas pela antiga URSS. Putin reivindica o projeto expansionista e opressor da velha Rússia czarista inspirada em “Pedro, o Grande”, cuja foto ostenta em sua sala. Por isso, ao invadir a Ucrânia fala que o mundo verá o que é a verdadeira “descomunicação”. Da antiga URSS, o regime de Moscou herdou um poderio militar que é superior ao poder de influência do país na esfera econômica e o coloca a serviço de seu projeto. A consolidação da aliança geopolítica com a China, sacramentada ainda mais na recente declaração conjunta entre os dois países firmada na abertura das Olimpíadas de Inverno em Pequim, mostra que há uma tentativa de formação de um bloco para lutar contra o imperialismo americano, ainda que a Rússia não tenha o mesmo potencial econômico que o país de Xi Jinping.

Consoante já reparado, O orador/editorialista apregoa o fim da OTAN e de sua interferência imperialista sobre a soberania dos povos. O que não significa, nem de longe, que ele apoie a invasão russa ao território ucraniano. Revela-se nesse trecho um jogo de concessões e negociações por parte do orador. Se ele é pelo fim da OTAN, isso não equivale a declarar que ele é favorável à Rússia, em cujo ato militar não se vê nada de “progressivo” ou libertário.

A oposição à Rússia – antigo ícone da esquerda internacional - talvez oferecesse oportunidade para o leitor questionar a coerência desse editorial de esquerda. Nessa medida, o orador ressalta a atual posição capitalista da Rússia, numa técnica útil à argumentação chamada “ruptura de ligação”, que consiste em “afirmar que são indevidamente associados elementos que deveriam ficar separados e independentes” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996).

Tudo ocorre como se o orador quisesse reforçar o fato de que o comunismo russo foi evento circunscrito temporalmente na história e que não significa que a Rússia seja por essência comunista. A Rússia para o orador, no atual momento histórico, é um país de direita, capitalista e autoritário, exercendo influência opressora na região que antes recebia a ação da antiga URSS. Se antes a Rússia era um modelo para os esquerdistas do planeta, hoje constitui um antimodelo, o que significa afirmar que já não deve ser imitada por mais ninguém.

Argumenta-se que a noção “Rússia” suporta, nos dias atuais, um exame que distinga a Rússia atual da antiga Rússia (URSS), num processo vizinho da dissociação

das noções. O primeiro termo da oposição – elaborada pelo editorialista – corresponde à Rússia de esquerda, comunista e democrata, modelo a ser seguido pelas nações. Torna-se interessante observar que o orador acrescenta à Rússia atual a Rússia czarista do passado, de natureza igualmente imperialista. Para prova de semelhante conexão, cita-se a foto de *Pedro, O Grande* (1672-1725), que Putin conserva em sua sala.

Assim, quando se menciona o termo Rússia, não se alude automática e absolutamente a um país esquerdista, amante dos trabalhadores e da liberdade. O termo ganha sentido flutuante, ou, em outras palavras, ganha efeitos de sentido, dependendo da formação discursiva que integra.

Daí que o orador evidencia não haver necessariamente equívoco nem incompatibilidade no editorial esquerdista criticando o imperialismo capitalista da Rússia. Uma realidade que algum leitor vê como una e inteiriça, o orador enxerga como dispendo de múltiplas facetas, separando e desvinculando os conceitos para melhor argumentar e provar sua tese.

Para o editorialista, tendo em vista que a guerra passa pela concretização dos desejos imperialistas da OTAN e da Rússia/China, os verdadeiros e autênticos socialistas denunciam a guerra como disputa burguesa. Ou seja, apenas os esquerdistas fiéis à ideologia podem denominar corretamente a guerra como imperialista e mais ainda como disputa burguesa, cujo objetivo é oprimir os trabalhadores e outras nacionalidades ao redor do mundo.

Algo permanece mais do que certo: os trabalhadores sempre são as maiores vítimas de conflitos dessa natureza. As cores do tabuleiro da geopolítica internacional mudam; porém, as relações de poder permanecem; isto é, a opressão da classe trabalhadora. Nesse particular, ganha corpo um discurso de uma lógica cinzenta: muda-se para permanecer no mesmo lugar.

O orador/editorialista assume de uma vez por todas a condição de porta-voz da esquerda – voz social e coletiva da esquerda real e não aparente, que não tenha sido descaracterizada ou cooptada pelo mercado – e retoma de maneira didática o que está ocorrendo no quadro da geopolítica internacional:

Tanto a OTAN (EUA, GB e EU) quanto a Rússia (e China) disputam pelo potencial de explorar outros países, outros povos. Os socialistas denunciam essa guerra como uma disputa entre as burguesias desses países no tabuleiro geopolítico regional e sobre quem vai explorar os recursos e oprimir trabalhadores e nacionalidades ao redor do mundo, às custas das vidas de milhares de trabalhadores que sempre são as maiores vítimas desses conflitos.



O editorialista logra criar no texto um efeito de sentido de objetividade, que o auxilia no fortalecimento do *ethos*. O público sente-se perante alguém que, no calor de uma guerra, é provido da capacidade de distanciar-se das paixões e manter a capacidade analítica racional (mas sem se tornar impassível). Novamente, o tom professoral assoma à superfície textual, e o orador retrata a guerra fazendo uso de equações opondo OTAN e Rússia, com os respectivos apoiadores.

O sentido último da guerra – na concepção do orador e tal qual ele quer que seja aceito pelo auditório – não é outro senão conquistar a hegemonia na exploração de povos trabalhadores, o que é afirmado com certo tom patético.

Assim concebido, interpreta-se o combate em tela como mais uma ofensiva da burguesia mundial – seja representada pela OTAN, seja pela URSS –, lançada contra a classe trabalhadora. Trata-se de nova edição da concepção de mundo como embate entre opressores e oprimidos. Não se está diante de uma guerra isolada e pontual, mas que está inserida no concerto da história universal, contínua luta entre fracos e fortes, em que os últimos, quase invariavelmente, têm tido vantagem.

Uma vez levado a cabo o diagnóstico inicial das motivações superficiais e profundas da guerra, o editorialista/orador, permanecendo com o tom professoral, modula o discurso no sentido de propor ao auditório - agora retoricamente circunscrito à esquerda, mas ainda com alcance universal potencial - que evite cometer dois erros relativos ao conflito.

O editorial declara a necessidade de não “absolutizar” posições quanto à luta. Dessa ótica, não se faz adequado julgar Vladimir Putin simplesmente como agressor, da mesma sorte que não é conveniente aos esquerdistas que o leem se posicionar ao lado da OTAN, pois aí há uma vigorosa empreitada imperialista. Recorrendo-se a uma graduação ou a um *continuum* imperialista, a OTAN evidencia-se o maior de todos, o que deve constituir objeto de denúncia da esquerda.

O outro hipotético erro do qual a esquerda cumpre manter-se distanciada consiste em avaliar, perigosamente, Putin e a China como anti-imperialistas e, portanto, progressistas. A esquerda não pode ser enganada pelo canto da sereia do passado em que a URSS e a China eram estados operários. Ao argumentar nesses moldes, o orador volta a opor passado e presente, par que termina por dar origem a outra posição também já utilizada no editorial e que fundamenta apreciável parte de seu discurso, a saber: ser X parecer.

Com o objetivo de provar que a URSS e seu líder deixaram no passado a condição de estado de esquerda, operário e popular, sendo no presente um estado

imperialista, burguês, conservador e reacionário, comandados por um líder expansionista, o orador arrola, ao longo do editorial, argumentos palpáveis: 1) O projeto grão-russo de Putin, que tem oprimido várias nacionalidades e direitos individuais na sua sanha imperialista; 2) Perseguição de ativistas políticos e opositores russos; perseguição de membros da comunidade LGBTQ+; 3) Abafamento no Cazaquistão de reivindicações de liberdade e melhores condições de trabalho; 4) A afirmação de Putin segundo a qual a Ucrânia seria invenção de Lênin<sup>4</sup>.

Especificamente quanto à Ucrânia, o orador – já finalizando o editorial – declara em tintas fortes que a população do país não pode ser “usada como bucha de canhão de uma guerra em favor dos interesses das grandes potências”.

Conforme se nota, o orador/editorialista posicionou-se sobre a situação da Ucrânia valendo-se de uma contextualização geopolítica internacional e lançando mão de um antagonismo entre duas potências expansionistas a fim de explicar certa carnavalização da ordem mundial, em que esquerdistas de antigamente se tornaram capitalistas imperialistas, competindo em termos expansionistas com nações tradicionalmente preocupadas em acumular capital. Quase se diria que se está diante do discurso do mundo às avessas.

O editorial engolfado em rupturas de ligações e dissociação de noções, em oposições entre passado e presente, entre real e aparente, em disputas pela posse de nomenclaturas, em debates pela conceituação do conteúdo semântico das palavras (quem é ou não é de esquerda ou imperialista ou reacionário, por exemplo), semelha mimetizar as complexas e contraditórias relações discursivas da geopolítica internacional, ainda nebulosas, indecisas e conflitantes do ângulo ideológico.

## Considerações finais

Pelo exame retórico e discursivo do editorial do jornal eletrônico *Esquerda Online*, investigaram-se procedimentos argumentativos com o auxílio dos quais o editorialista/orador empenhou-se em persuadir o auditório de que tanto as ações da OTAN quanto as da Rússia/China em território da Ucrânia se inscrevem num amplo projeto imperialista de base capitalista e burguesa direcionado contrariamente aos trabalhadores.

---

<sup>4</sup> Particularmente sobre essa questão, conferir Schwirtz, Varenikova e Gladstone (2022). “História da Ucrânia contradiz fala de Putin de que Estado independente é ficção”. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/historia-da-ucrania-contradiz-fala-de-putin-de-que-estado-independente-e-ficcao.shtml>. Acesso em: 19 maio 2022.

Nessa medida, o maior interesse do orador foi desconstruir o senso comum – compartilhado inclusive por inúmeros esquerdistas espalhados pelo mundo todo<sup>5</sup> - segundo o qual a Rússia constitui uma nação, de alguma forma, ainda de esquerda ou simpática a ela, preocupada com o futuro dos trabalhadores. Os argumentos dirigiram-se na caracterização do país como uma força burguesa que pretende reviver um império, só que baseado nas regras do capital.

Ao longo do editorial da *Esquerda Online*, foi possível observar determinadas constantes argumentativas, que atuaram na edificação retórica do texto. Abaixo, estão destacados algumas delas:

O dialogismo e a interdiscursividade: repara-se que o discurso do editorial é permeado por um conjunto de outros discursos anteriores ou contemporâneos, com os quais mantém articulações várias e em função dos quais ganha mais significado ou intensidade. No texto, os discursos sobre geopolítica e ideologia política se relacionam (harmonizam-se, contrapõem-se, completam-se etc) de forma que se encontram traços deles no discurso que sustentou o texto do editorial. A negação do editorialista em validar antigas peculiaridades da Rússia – como o fato de ser uma república popular - é manifestação de um discurso que nega um discurso já existente sobre a Rússia e sobre a forma como era ela vista na época áurea do comunismo.

É impossível deixar de identificar na estratégia do editorialista o recurso a uma polarização fundada na oposição binária e até certo ponto maniqueísta entre os imperialistas capitalistas e os verdadeiros esquerdistas e trabalhadores, dentro os quais o orador se situa.

A oposição binária e maniqueísta mantém-se no desenvolvimento argumentativos dos conceitos mais relevantes do editorial: passado X presente; real X aparente; trabalhadores X burgueses; progressistas X conservadores; liberdade X autoritarismo; direita X esquerda.

Percebe-se no editorial, o predomínio de uma argumentação racional, embora esteja ela associada, em vários passos, a elementos patéticos e éticos de notável interesse persuasivo.

Há o enaltecimento de valores quase universais como a democracia, a autodeterminação, o poder do povo e para o povo, o anti-imperialismo. Tais aspectos por serem compartilhados por quase toda humanidade fortalecem e facilitam a argumentação do editorialista, bem como sua comunhão com o auditório.

---

<sup>5</sup> Compartilhados inclusive por eventuais adversários da esquerda, que, arditamente, poderiam usar a Rússia atual para denegrir o socialismo e o comunismo, veiculando a ideia de que o país ainda representa a esquerda.

A postura professoral ou didática adotada pelo editorialista-orador criou, em muitas passagens do editorial, um efeito de sentido de acordo com o qual as informações veiculadas ao conhecimento do auditório eram fatos e não opiniões. Provas éticas, portanto.

Cumprе salientar que essas estratégias retóricas agem integradamente e não de forma isolada. Constituem um amplo sistema arquitetado e bem pesado quase sempre à luz da consciência, tornando-se um veículo de ideologias e projetos políticos.

No editorial, a esquerda buscou expor sua voz sobre um acontecimento que, em larga escala, diz respeito a sua identidade, carente de ser negociada, singularizada e reafirmada em face de possíveis confusões conceituais na nova ordem ou desordem mundial. Daí a necessidade de ocupar e marcar terrenos com as devidas explicações numa realidade que parece cada vez mais complexa, confusa, às avessas e, por isso, tendente ao provisório.

## Referências

- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica**. Tradução: Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1964.
- CAMPATO JR., João Adalberto. **A comunicação persuasiva: teoria e prática**. São José do Rio Preto: HN, 2015.
- COSTA, Maria Gabriela. As raízes da guerra: Rússia e Ucrânia. **Observatório da Democracia no Mundo** (ODEC-USP). Disponível em: <http://odec.iri.usp.br/analises/as-raizes-da-guerra-russia-e-ucrania%EF%BF%BC/>. Acesso em: 20 maio de 2022.
- DELLAGNEZZE, René. O conflito Rússia e Ucrânia. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], p. 12–79, 2022. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/4960>. Acesso em: 20 maio. 2022.
- FERNANDES, Claudemar Alves; SÁ, Israel de. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Campinas: Pontes, 2021.
- GRACIO, Rui A. **Vocabulário crítico de argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.
- MEYER, Michel. **A retórica**. Tradução: Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007

NÃO À GUERRA! FORA OTAN E RÚSSIA DA UCRÂNIA. **Esquerda Online**, 2022. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2022/02/24/nao-a-guerra-fora-OTAN-e-russia-da-ucrania/>  
Acesso em: 25 de fevereiro de 2022.

PERELMAN, Chaim.; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SCHWIRTZ, Michael; VARENIKOVA, Maria; GLADSTONE, Rick. História da Ucrânia contradiz fala de Putin de que Estado independente é ficção. **Folha de S. Paulo**. 23 fev. 2022.

TRINGALI, Dante. **A retórica antiga e outras retóricas**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Musa, 2014.

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VIEIRA, Francisco Eduardo.; FARACO, Carlos Alberto. **Escrever na universidade**: texto e discurso. São Paulo: Parábola, 2019.